

# O sertanismo

Por Elaine Campos e Castro

O sertanismo foi o grande responsável pela interiorização e expansão do território do Brasil. Homens que adentravam o Sertão em busca de índios, riquezas ou medição e feitura de mapas e roteiros, e, posteriormente, para coletar espécies para os gabinetes de história Natural europeus.

A capitania de São Vicente possui uma estreita faixa litorânea constituída por mangues e pântanos. Separando interior e litoral existe um imenso paredão revestido pela densa vegetação da mata Atlântica: a Serra do Mar. Atravessar essa cadeia de montanhas não era algo fácil, mas, depois dela, encontravam-se os Campos de Piratininga, uma região de vastos campos coberta de uma vegetação rasteira onde se estendia a planície aluvial formada pelos rios Tietê, Pinheiros e Tamanduateí. Esse foi o local escolhido para a fundação, em 1554, do Colégio Jesuítico de São Paulo e para a formação de um povoado que, seis anos depois, foi elevado à vila – São Paulo de Piratininga.

A sociedade formada nessa região possuiu características próprias, quando comparada à do restante da Colônia. A vila era muito pequena. Ao final do século XVI possuía apenas 1500 moradores. Com uma arquitetura muito simples, ela era formada pela praça, as igrejas, alguns prédios públicos e as poucas moradias. Poucos eram letrados e pouca importância dava-se aos estudos, apenas homens “inferiores” prestavam-se a este ofício. Havia poucos livros e até mesmo pouco papel. O que realmente importava nessa sociedade era a roça, o plantio. O meio rural possuía uma incontestável supremacia frente ao meio urbano: o sítio era uma habitação permanente onde se ostentava a casa. O latifúndio vicentista era um organismo completo, que se bastava a si mesmo e por si mesmo se governava. Dentro do seu domínio tinha o fazendeiro a carne, o pão, o vinho, os cereais que o alimentavam; o couro, a lã, o algodão que o vestiam; o azeite e a cera que o iluminava nas noites; a madeira e a telha que o protegia contra as intempéries, ou seja, nada lhe faltava. Houve, em Piratininga,

uma fértil produção de trigo, de vinha, de algodão (na própria vila teciam-se panos grosseiros) e de cana de açúcar para a fabricação de água ardente. Os campos também eram favoráveis para a pecuária e para a criação de suínos. A região era um trampolim para o inexplorado Sertão. E era voltado para o Sertão que estes homens iam “buscar o remédio para a sua pobreza”: os índios. Como não possuíam condições para a aquisição do negro africano, era o trabalho forçado do indígena que possibilitava o desenvolvimento da agricultura e pecuária da vila de Piratininga.

Uma sociedade patriarcal, composta em geral de lusitanos, que prezavam a pureza de sangue e os laços familiares. Inicialmente, o índio era capturado nas imediações da vila, mas com o tempo as incursões para o Sertão ampliaram o raio de captura do nativo. Para se firmar como um povoado, travaram-se disputas com os indígenas próximos que não se aliaram aos portugueses, os Tamoios e os Carijós, e a defesa contra o ataque do indígena facilitou a aquisição e a exploração do nativo. Com a posse definitiva das terras, expedições eram preparadas para irem em busca de índios. Esses homens se denominavam Bandeirantes e saíam em expedições, que eram empresas familiares congregando diversos parentes, e sempre contavam com um sertanista experiente, diversos índios e um escrivão que fazia o inventário de quem morresse. A tradição era oral, havia poucos mapas ou roteiros e era a experiência que ensinava. Os paulistas se aliavam a tribos indígenas e utilizavam do escambo como meio de resgate. Os principais intermediários desse tráfico eram indígenas que se concentravam nos portos. Porém, o aumento da demanda por escravo fez com que a violência crescesse. As alianças foram sendo destruídas com o aprisionamento dos próprios aliados indígenas. Apesar dessa quebra de aliança, a utilização do índio era de extrema importância, tornando-se cada vez mais essencial para se buscarem cativos em regiões inexploradas. A sobrevivência do colono dependia muitas vezes do conhecimento indígena acerca dos sertões.

A maior parte do dinheiro gasto em uma expedição era destinada à compra de munições. As expedições dos bandeirantes eram violentas, entravam de surpresa atirando nas aldeias, colocavam fogo nas ocas, seqüestravam quem conseguiam. A maior parte dos prisioneiros era composta de mulheres e crianças, uma vez que na cultura indígena esses dois grupos eram os responsáveis pela agricultura. Outro alvo que muito agradava aos bandeirantes eram as Missões Jesuíticas. Em geral espanholas, nelas os paulistas já encontravam o índio domesticado, acostumado com o trabalho na roça e com os costumes dos europeus. As Missões eram brutalmente atacadas e, em parte

considerável, foram vítimas da destruição provocada pelos ataques dos bandeirantes, ao menos até 1640, aproximadamente, momento a partir do qual impuseram derrotas aos que as atacavam.

Influenciada pelos jesuítas, a Coroa promulgou diversas leis defendendo o gentio e proibindo a sua escravização. Somente a “guerra justa” era permitida, ou seja, só poderiam ser aprisionados índios que atacassem os portugueses ou índios já pacificados. Por outro lado, os jesuítas possuíam pouca influência e moral com os colonos paulistas, os quais se valiam do argumento de que precisavam do gentio para o desbravamento da terra. A coroa oscilava entre jesuítas e sertanistas paulistas. Mas, na prática, os paulistas continuaram investindo na mão-de-obra indígena e a buscavam fosse no meio da mata, fosse em uma Missão jesuítica.

Pesquisar riquezas minerais não era o maior objetivo daqueles que partiam de São Paulo de Piratininga rumo ao Sertão, mas umas poucas expedições com esse objetivo existiram. Com a descoberta do ouro na região do atual estado de Minas Gerais e de Goiás, a busca por pedras preciosas tornou-se uma realidade mais freqüente. As riquezas minerais eram os objetivos das demais capitanias quando organizavam uma expedição, como Espírito Santo, Bahia, Pernambuco e o Nordeste Holandês de Nassau.

Alguns sertanistas paulistas eram contratados por governadores-gerais, donatários do Nordeste (principalmente da Bahia e Pernambuco), senhores de engenho e grandes proprietários pecuaristas para combaterem seus principais obstáculos: a resistência de tribos indígenas e os negros aquilombados. Os índios tomados nesses embates eram considerados cativos dos sertanistas. As andanças dos bandeirantes pelos sertões nordestinos foi importante para o desbravamento dessa região, alguns chegaram inclusive a se estabelecer nesses locais. Essas atividades ficaram conhecidas como “sertanismo de contrato”, e Domingos Jorge Velho é um bom exemplo desse tipo de sertanismo: em 1687 ajudou a reprimir índios revoltosos no sertão de Pernambuco e no Rio Grande do Norte e combateu o famoso Quilombo de Palmares.

Uma expedição poderia ser feita por terra, abrindo caminho pela densa mata, ou seguindo o curso dos rios. Pela via fluvial, havia o caminho que levava a Cuiabá, que era feito principalmente pelo rio Tietê e durava em média cinco meses. Em uma das expedições, depósitos auríferos foram descobertos em Cuiabá, e a viagem pelo Tietê tornou-se muito recorrente. Nesse período, surgiram as Monções: viagens que desciam o rio em comboios, que a principio tinham como grande objetivo o transporte de

pessoas para as regiões auríferas e, posteriormente, ganharam um forte caráter comercial.

Com um grande convívio com os gentios, os paulistas distinguiram-se dos demais. Uma mistura da língua tupi com o português era o idioma típico da região, e, em geral, andavam descalços, eram bons conhecedores das “ervas das matas” e formavam a população mais mameluca da colônia brasileira. O casamento entre índias e brancas era raro, mas a ausência de mulheres brancas facilitava a proliferação de bastardos e o concubinato com indígenas. A historiografia do século XIX, embriagada de um grande nacionalismo, quis representar os paulistas, em especial os bandeirantes, como heróis corajosos que proporcionaram o aumento do território do Brasil e a descoberta do ouro. Para tanto, efetuaram uma europeização do elemento paulista, representando-o com trajes exuberantes, muitas armas e um porte austero. Porém, na pobre vila de São Paulo de Piratininga, a vestimenta era cara, as munições escassas e os homens habituados a andarem descalços, como os indígenas. Foram os responsáveis pela expansão territorial e pela descoberta do ouro, mas estes não eram os seus objetivos. Os sertanistas desejavam apenas o índio.

Na segunda metade do século XVIII, a Coroa portuguesa patrocinou expedições para delimitar as fronteiras e para conhecer as riquezas naturais da Colônia, para melhor explorá-la. A partir de 1808, com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, o território brasileiro se abriu aos naturalistas estrangeiros, que se embrenhavam no mato em busca de espécies vegetais e animais, que enriquecessem os gabinetes de História Natural europeus e ainda desejavam conhecer tribos indígenas sem contato com os brancos. Quase às vésperas da Independência, essas expedições foram utilizadas com o esforço de suprimir a *barbárie* do sertão habitado por índios ou população de cor dispersa no mato, pela sociabilidade humana e pelo comércio. Adentrando no Sertão acompanhados de mulas e guias negros, os sertanistas naturalistas já não tinham o mesmo objetivo que os seus antecessores. Eles eram guiados pela curiosidade, pelo espírito investigativo, pelo interesse do governo em povoar seu território.